

Apresentação

A literatura do testemunho não é um objeto discursivo novo como campo epistemológico de estudo, podemos ver neste século XX uma profusão deste conceito em diversas modalidades bibliográficas que se debruçaram sobre este tema para explicar uma determinada excepcionalidade histórica. Devemos frisar que este conceito fora construído sob o argumento de dois olhares à realidade, melhor dito, sobre duas pulsões históricas que motivaram a produção desta literatura, dando os contornos para este tipo de obra. A primeira que inaugura é o conceito de *Shoah*, que podemos traduzir como holocausto, seria, portanto, a literatura produzida das agruras relatadas pelos judeus em face do nazismo alemão, na primeira metade do século XX; sendo importante também retomar a aceção de Shoah como conceito de tragédia e de catástrofe.

Com uma produção pujante que se vinculou em diversas matrizes narrativas como literatura, cinema, história, psicanálise e outras áreas, a produção acerca do holocausto foi farta, por exemplo, com Hannah Arendt, Primo Levi, Zygmunt Bauman, assim como houve a transposição fílmica dessas obras que trabalharam acerca do nazifascismo. Seria, portanto, uma produção focada na denúncia e nas atrocidades que os judeus viveram durante a ascensão dos Estados totalitários na Europa. Através dessa bibliografia os autores se perguntava e questionava perplexamente como a humanidade pode ficar tão face a face com a barbárie, como diria Hanna Arendt, numa *banalização do mal*, em virtude de todas as atrocidades cometidas pelo nazismo durante o seu apogeu.

A América latina constrói outro tipo de conceito que dialoga com o Shoah judaico através da expressão de Testimonio, como tradução o testemunho, seria uma produção engajada fruto das vozes subalternas que lutava contra os governos opressores e ditatoriais da América Latina, principalmente, a partir das obras elaboradas a partir dos anos 60. Destacamos, contudo, que no Brasil temos obras que podemos também dialogar com o referencial de testimonio, como a escrita de Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere* (1953). Mas, foi a partir dos anos 60 e 70 que este gênero se consolidou, principalmente, como incentivo literário do Prémio Casa de las Américas, de 1969,

primando por uma literatura engajada e de denúncia das agruras das vozes insurgentes contra os governos ditatoriais em franca expansão na latino-américa.

Temos, portanto, este diálogo que se complementam sem fechar numa narrativa única, haja vista que ambos são frutos de momentos adversos da história do século XX, período este que fomentaram estas narrativas a partir de eventos de dor e de dramas coletivos. O Brasil se insere fortemente nesta narrativa discursiva com uma produção de ajuste contas, ainda inconclusa, com a ditadura militar brasileira, uma vez que os crimes cometidos pela corporação militar contra os direitos humanos foram auto anistiados pelos militares em 1979. No entanto, estes relatos de ajustes de contas são fartos enquanto material discursivo como livros, filmes, documentários e outras mídias que se debruçaram nas denúncias do período através das vozes dos sobreviventes. Ou seja, há uma produção forte deste cenário, em que a literatura do testemunho assume um papel protagonista enquanto veículo narrativo de denúncia das atrocidades do período militar brasileiro contra os direitos humanos.

A partir desta apresentação este dossiê pretende produzir uma discussão acerca desta literatura do testemunho e a sua produção no Brasil, temos, portanto, os seguintes textos que se debruçaram sobre esse argumento interpretativo, respectivamente os artigos 1, 2, 3, 4 e 5 que permitem fazer um painel deste conceito acerca da literatura do testemunho e possibilitando o diálogo com mídias diversas como livros, filmes, assim como outros referenciais teóricos como a história. No texto 1, *A memória do testemunho e o cinema: representações cinematográficas da ditadura militar*, visa uma exposição desta literatura e a sua polifonia com a produção cinematográfica no Brasil a partir dos anos 70. No tocante ao texto 2, *Barbárie e resistência em Gramática Expositiva do Chão*, faz uma análise da poesia engajada de Manuel de Barros no cenário da ditadura militar, momento esse que as vozes literárias tinham que realizar mensagens cifradas para poder passar qualquer tipo conteúdo. Sobre o texto 3, *A intertextualidade entre a história e a literatura do testemunho: o personagem Preto Chaves*, apresenta uma pesquisa consistente e um diálogo profícuo entre a história e a literatura, visando perseguir a biografia de um personagem que viveu a sua vida ativamente nas profundezas da política brasileira.

Também, buscando um diálogo com o cinema o texto 4, *Cinema brasileiro e erotismo durante a ditadura militar*, elabora uma discussão acerca do cinema em confronto com a ditadura militar, principalmente, focando o erotismo como uma forma

de tentar quebrar com o *status quo* autoritário da época: tradição, família e propriedade – tão fortemente propagandeada pela corporação militar. Nesse sentido, traz como elemento discursivo dois filmes paradigmáticos do período, que foram filmados a partir da obra de autores consagrados, *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado; e, *A dama do Lotação*, de Nelson Rodrigues. Fechando a análise, o texto 5, *O lugar do testemunho: o poder de fala dos entrevistados/personagens no livro-reportagem Holocausto Brasileiro*, traz um debate necessário acerca do testemunho na área da saúde mental, centrado na obra de Daniela Arbex, *O Holocausto brasileiro* (2013), aproximando à realidade brasileira os conceitos de fala, de porta-voz, de testemunho e da memória em situações de agruras extremas.

Ainda, a fim de instrumentalizar com outras mídias apresentamos duas resenhas que buscam construir esse colóquio com a literatura do testemunho, potencializando estas discussões com a resenha fílmica a partir da obra da cineasta Lúcia Murat apresentando o seu filme, *Que bom te ver viva*, que retrata as agruras e depoimento de ex-presas políticas durante o regime ditatorial brasileiro. Também, no mesmo gradiente de testemunho de denúncia temos a resenha do livro, *Cacos de sonhos - cartas de uma ex-prisioneira na Vila Militar (1971-1974)*, que trabalha com o recurso das cartas produzidos por uma ex-presa política no momento em que amargava as agruras do cárcere brasileiro.

Convém realçar a partir da análise do conjunto destes artigos e destas resenhas, que estas obras são marcadas pelo forte teor de denúncia das vivências e do terror em ter (sobre)vivido como vítimas durante o período militar (1964-1985). Este drama brasileiro é expressado fortemente nestas duas resenhas através dos relatos da agonia das depoentes em face da tortura, da descrição do cárcere e da privação de liberdade, assim como do forte sentimento de medo, ou seja, dando os lastros para análise a partir das emoções e das situações extremamente adversas vivenciadas por essas personagens. Logo, a partir da análise destas resenhas e desses artigos podemos estabelecer um diálogo com a literatura do Shoah, que fora vivenciado igualmente enquanto drama coletivo pelos judeus com a ascensão do nazifascismo.

Além destes artigos que versam sobre a memória do testemunho este número é composto igualmente com uma sessão livre, em que trabalhamos com outras temáticas que visam compor o universo da literatura. Temos nesta sequência deste dossiê os seguintes artigos: O texto 6, *Leitura, linguagem e letramento: o uso do conto de fadas nas séries iniciais do ensino fundamental*; o texto 7, *Atribuição de autoria: o enigma por*

trás da autoria do livro sátiras e outras subversões; o texto 8, Mediadores da leitura e formação do leitor; e, o texto 9, A Linguagem Literária: alguns recursos linguísticos-literários usados na construção da obra O Primo Basílio.

Finalizando, retomando ao propósito do dossiê e a realidade brasileira atual torna-se de fundamental importância a discussão do testemunho e de toda a sua potencialidade como matriz discursiva, seja na mídia impressa, fílmica ou virtual, igualmente, é relevante a sua análise, haja vista que a sua reverberação tornar-se-á a cristalização da vida do país no exato momento da sua produção. O testemunho, portanto, possui essa potencialidade, pois além de reverberar o tempo presente ainda se propõe ser o ente propulsor do fomento de vozes insurgentes e dos personagens subalternos da história. Realçamos que nosso país não possui muita tradição na vocalização das vozes insurgentes, haja vista a ínfima produção antes do processo de redemocratização brasileira; porém, podemos ver nas duas últimas décadas uma profusão da materialidade destas obras nas diversas mídias e nas distintas searas do conhecimento, provando, com certeza, que vozes subalternas também precisam ser ouvidas como forma de compor a totalidade das narrativas históricas e literárias de um país.

César Alessandro Sagrillo Figueiredo
Mônica Assunção Mourão

Porto Nacional, Nov/2018.